


**O SER HUMANO É VÍTIMA DE UM SISTEMA QUE O FAZ CORRUPTO OU É ELE CORRUPTO EM CONSEQUÊNCIA DE SUA LIBERDADE?****THE HUMAN BEING IS A VICTIM OF A SYSTEM THAT MAKES HIM CORRUPT, OR IS HE CORRUPT AS A CONSEQUENCE OF HIS FREEDOM?** <https://doi.org/10.63330/aurumpub.051-008>**Homeilton José de Oliveira**

Mestre em Física, UFMT

E-mail: [homeiltonoliveira@gmail.com](mailto:homeiltonoliveira@gmail.com)Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7701379105525710>**RESUMO**

O ser humano é vítima de um sistema que o faz corrupto ou é ele corrupto em consequência de seus desejos e sua liberdade? Desde quando Maquiavel propôs a primeira teoria política ele já alertava para o perigo da corrupção, sendo este um fator capaz de desestruturar um governo. Na atualidade percebemos a corrupção presente de forma estrutural tanto quanto individualmente. Em uma pesquisa bibliográfica é possível perceber que muitos que se julgam intelectuais compreendem que o ser humano não é em si corrupto, age de forma ilegal por ser condicionado segundo as estruturas sociais em que o mesmo vive. Para muitos destes pseudo intelectuais, o indivíduo, mesmo praticando um ato corrupto, é ele a vítima da estrutura. Entretanto, este discurso - o ser humano como vítima - não se sustenta frente a uma compreensão do sujeito a partir da filosofia existencial. É possível perceber que muitos sociólogos, historiadores, políticos e parte de muitos religiosos são totalmente leigos ou indiferente quanto a uma reflexão existencialista de caráter mais honesta e profunda a respeito do ser humano. Em consequência destes “pensadores” verificamos muitos discursos fundamentados no politicamente correto, porém, distante de uma sociedade mais humana e menos corrupta.

**Palavras-chave:** Corrupção; Existencialismo; Liberdade; Schopenhauer.

**ABSTRACT**

Is the human being a victim of a system that makes him corrupt, or is he corrupt as a consequence of his desires and freedom? Since Machiavelli proposed the first political theory, he already warned about the danger of corruption, as it is a factor capable of destabilizing a government. Nowadays, we perceive corruption present both structurally and individually. In a bibliographic research, it is possible to see that many who consider themselves intellectuals understand that the human being is not inherently corrupt but acts illegally because he is conditioned by the social structures in which he lives. For many of these pseudo-intellectuals, the individual, even when committing a corrupt act, is a victim of the structure. However, this

discourse—the human being as a victim—does not hold up when faced with an understanding of the subject from existential philosophy. It is possible to see that many sociologists, historians, politicians, and many religious people are entirely ignorant of a more honest and profound existentialist reflection on the human being. As a result of these current "thinkers," we see many discourses based on political correctness, yet far from a more humane and less corrupt society.

**Keywords:** Corruption; Existentialism; Freedom; Schopenhauer.

## 1 INTRODUÇÃO

O ser humano é vítima de um sistema que o faz corrupto ou é ele corrupto em consequência de seus desejos e de sua liberdade? Desde os tempos gregos, no ocidente, a compreensão a respeito do ser humano tem seguido os ensinamentos de Sócrates (470-399 a.C). Segundo Geovanni Reale e Dario Antiseri (2013, p. 5), para Sócrates:

O homem é a sua alma, enquanto é precisamente sua alma que o distingue especificamente de qualquer outra coisa. E por "alma" Sócrates entende a nossa razão e a sede de nossa atividade pensante eticamente operante. Em poucas palavras: para Sócrates a alma é o eu consciente, ou seja, a consciência e a personalidade intelectual e moral.

Este foi e ainda é a base de reflexão quando se busca discutir quem é o ser humano e, ao mesmo tempo, buscam explicações para seu comportamento moral. Os que fazem parte desta escola defendem que o sujeito age racionalmente para o bem e o erro ou o comportamento imoral é consequência de sua ignorância.

Foi no período iluminista que esta compreensão esteve no auge, acreditavam que a conduta correta do ser humano seria consequência unicamente de sua razão. Era quase que absoluta a crença de que o ser humano iria superar todas suas emoções, egoísmo e, agindo somente por meio da razão, atingiria a flicidade. Com o advento da filosofia de Karl Marx (1818-1883) prosperou uma outra possibilidade de compreensão do homem como sujeito atuante na sociedade. Observando os fenômenos de seu tempo Marx compreendeu que a sociedade era constituída de duas classes. Em seu livro, Manifesto Comunista, ele diz que "A história de todas as sociedades até hoje existentes é a história das lutas de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor feudal e servo, mestre de corporação e companheiro, em resumo, opressor e oprimido" (Marx; Engels, 2005, p. 40).

Marx e Engels (2005) utilizaram a dialética como método para a interpretação de todas as sociedades e chegou à conclusão de que não existe possibilidade de descrever a história de um indivíduo como sendo ele autor de seus próprios atos. Para eles, em primeiro momento, não há transcendência. Ou seja, indivíduo

é simplesmente um ser material como tudo no mundo. Neste paradigma, a ação humana está condicionada às estruturas política, econômica, religiosa entre outras, e estas são condicionadas pela matéria que constitui o mundo. Em outras palavras a filosofia marxista nega o ser humano como sendo um ser de desejo, de criatividade, de ação, de possibilidades, de projeto, de transcendência. Ele substitui o ser humano construtor de sua própria história para o “ser humano” marionete do materialismo.

Utilizando este método, dividiu todas as sociedades em duas classes, e conseqüentemente, argumentou e justificou as atitudes individuais como algo condicionado. Seu pensamento hoje é compreendido como “filosofia marxista”, por meio dela vive historiadores, psicólogos, juristas, educadores, políticos e praticamente todos que se julgam, “profetas” da “justiça” social.

Verificar que este paradigma o qual anula o homem como ser de vontade, criatividade, livre e assim, responsável por sua própria ação, independente da classe social, do nível intelectual ou da religião que o indivíduo profere é a motivação de nossa pesquisa. Portanto, inicialmente, buscaremos compreender o conceito de corrupção discutido no período grego antigo. Na seqüência refletiremos sobre o pensamento político de Nicolau Maquiavel (1469-1527), considerando-o como o primeiro autor de uma teoria política e o que ele pensava no que se refere ao homem, especificamente, em uma interpretação moderna quanto a ideia de corrupção.

Na seqüência faremos referência aos estudos publicados por uma historiadora, uma psicóloga, e uma jurista que, influenciados pelo pensamento marxista, reconhecendo atitudes individuais como sendo algo ilegal e corrupta, mas não responsabilizando o sujeito como responsáveis pela ação. Ao contrário, argumentando que estes são simplesmente vítimas das sociedades, isto é, do sistema capitalista.

Conseqüentemente refletiremos a condição humana segundo a filosofia existencialista de Arthur Schopenhauer (1788-1860) e Jean-Paul Sartre (1905-1980). O ser humano como sendo um ser de vontade no primeiro e um ser condenado a ser livre no segundo e, então, absolutamente responsável pelas próprias ações.

Por fim estabeleceremos uma crítica aos discursos constituídos a partir do método dialético marxista em uma compreensão de que o ser humano é um ser de desejos, vontades, autônomo e autor de suas próprias escolhas e, portanto, responsável por suas ações e história.

## **2 O CONCEITO DE CORRUPÇÃO NO PERÍODO GREGO**

O termo corrupção foi refletido, primeiramente, pelo filósofo grego Platão (428 -347 a.C), no período clássico. Em sua filosofia, defendeu que o mundo no qual vivemos é o mundo da corrupção. Em outras palavras, estamos no mundo onde as coisas não são constantes e nem eternas em uma única forma, mas, em permanente alterações. Nossa existência é uma experiência com o mundo e, tanto os seres humanos, assim como todos os outros seres vivos e não vivos, estamos condicionados(as) a se quebrar, deteriorar, dividir,

## O SER HUMANO É VÍTIMA DE UM SISTEMA QUE O FAZ CORRUPTO OU É ELE CORRUPTO EM CONSEQUÊNCIA DE SUA LIBERDADE?

transformar-se e morrer, o que caracteriza em seu pensamento a *corrupção*.

No atual período em que vivemos, usamos a linguagem proveniente do latim. A palavra *corrupção* não é diferente. Etimologicamente, para a nossa língua, esta surgiu a partir do latim *corruptus*, que significa o "ato de quebrar aos pedaços", ou seja, decompor e deteriorar algo" (Corrupção, 2024). Todavia há também outras definições para o termo *corrupção*, por exemplo, a definição de Draiton de Souza. Para ele:

A *corrupção* é definida como o ato de solicitar ou receber alguma vantagem indevida, segundo a "lei de Gérson": "levar vantagem em tudo", não importando o meio para se alcançar o que se almeja. Tanto o corrupto como o corruptor praticam algo ilícito, passível de reprovação jurídica, em notório conflito com os princípios elencados por Ulpiano: "viver honestamente (*honeste vivere*), não lesar ninguém (*neminem laedere*), dar a cada um o que lhe pertence (*suum cuique tribuere*)". Sob o ponto de vista legal, há a previsão de uma série de sanções para os casos de *conducta corrupta* (Ética e *Corrupção*, 2024, p. 1).

Em nosso trabalho esta é a definição que será utilizada.

### 3 O SER HUMANO COMO SER CONDICIONADO

Hoje século XXI, o termo *corrupção* é mais utilizado para caracterizar um comportamento humano desprovido de uma atitude moral. Entretanto, segundo o método dialético marxista, fundamentado no conceito de materialismo histórico, é unânime a compreensão da *corrupção* como não sendo de responsabilidade do indivíduo que pratica determinada ação. Autores e estudiosos defendem que a "corrupção", na dimensão política, é consequência de uma estrutura a qual o indivíduo encontra-se existencialmente inserido e, portanto, não tem opção de agir contra a estrutura, sendo então coagido a ser corrupto.

Em alguns autores percebemos que para eles(as) a *corrupção*, no sentido da ilegalidade, sempre esteve presente na política e no sistema público, principalmente no ocidente. A procuradora Márcia Noll Barboza, de Porto Alegre R.S., em sua dissertação, inicia seu trabalho defendendo que:

A prática de atos corruptos em torno dos centros de poder é algo recorrente na história, é algo que acompanha o homem em sua trajetória de organização e progresso, sem jamais o deixar, como se de sua sombra se tratasse (Barboza, 2006, p. 5).

Para Barboza (2006), a *corrupção* é consequência da organização do Estado e conseqüentemente a formação de uma cultura direcionada ao progresso. Não diretamente, mas deixa-se entender que a *corrupção* é consequência de algo externo agindo sobre o homem e fazendo-o ser corrupto.

De maneira mais específica, a historiadora Celi Regina Jardim Pinto (2011) entende que a vantagem adquirida por um cidadão, isto é, o ato de *corrupção*, praticada por muitos não corresponde a um ato de responsabilidade e nenhuma clareza de consciência individual do sujeito que pratica o ato ilegal.

Em seu texto *A banalidade da corrupção*, ela deixa claro que um ato de corrupção não pode ser depositado em um indivíduo como responsável. A vantagem proveniente da corrupção é consequência, segundo ela, de uma estrutura que em si é corrupta e conseqüentemente condiciona as pessoas a assim agir. Em relação ao ato de responsabilidade individual, referente a um ato de corrupção, em seu livro, ela nos diz que:

Ter isso [a compreensão do sistema público brasileiro] em vista é importante para os propósitos deste livro [*A banalidade da corrupção*] cuja análise em questão não pretende qualquer proximidade com a perspectiva moral do senso comum de que existe corrupção porque existem pessoas corruptas; e que, se os gestores públicos não fossem corruptíveis, não haveria corrupção, afirmação tão certas quanto inócuas. (Pinto, 2011, p. 59)

Buscando justificar seu ponto de vista o qual não concorda que o ato de corrupção seja de responsabilidade individual, ela afirma que

Entre o ministro e o policial da estrada e entre o proprietário da empreiteira e do carro há uma extensa variedade de agentes públicos e cidadãos que se envolvem em ilícitos de corrupção. Em países com burocracias grandes, emperradas, pouco racionalizadas e com servidores públicos sem a profissionalização devida, a corrupção é moeda comum, algumas vezes até cobrada adiantada por profissionais que intermedeiam contato com Estado para resolver problemas de clientes. (Pinto, 2011, p. 53).

Seu pensamento encontra-se fundamentado em pressupostos marxistas, isto é, o cidadão não é autor de suas próprias decisões. Em sua fala “países com burocracias grandes, emperradas, pouco racionalizadas e com servidores públicos sem profissionalização devida a corrupção é moeda comum”, deixa-se perceber que o indivíduo com alta formação não praticaria nenhuma ilegalidade. Este é também um pensamento socrático, o qual defende que o sujeito age errado devido sua ignorância.

E em se falando da corrupção ela entende que a desigualdade social, econômica e cultural presente no Brasil e no pensamento coletivo dos cidadãos brasileiros é algo “normal”, ou seja, uma legitimidade da hierarquia das desigualdades, portanto, são como que fatores responsáveis para a prática da corrupção, ou seja, a estrutura do estado é que faz o cidadão (Pinto, 2011).

Além da procuradora, a historiadora, psicóloga social e ex-professora Zani Andrade Brei (1996) em seu artigo *A corrupção: causas, conseqüências e soluções para o problema*, faz referência ao sociólogo americano Robert King Merton (1910-2003) dizendo que o método de análise funcional praticada pelo americano revelou a existência de uma motivação inconsciente atuando no cidadão. Em suas conclusões, Merton reconhece a ação ilegal do indivíduo, mas defende que o mesmo não é o responsável pelas motivações que o conduz. Portanto, neste pensamento, a responsabilidade é da motivação, não da decisão do indivíduo.

A professora (BREI, 1996) argumenta que são as motivações a causa fundamental dos atos ilegais.

## O SER HUMANO É VÍTIMA DE UM SISTEMA QUE O FAZ CORRUPTO OU É ELE CORRUPTO EM CONSEQUÊNCIA DE SUA LIBERDADE?

Entretanto, estas motivações, em seu ponto de vista são consequências da estrutura a qual o sujeito encontra-se inserido. Ela defende que a estrutura se impõe ao individual e as condutas divergentes não são devidas a diferentes proporções de personalidades e nem patológicas nos grupos, mas resultantes de pressões da própria estrutura social e cultural, assim o ser humano é vítima e age impulsionado pelo mundo (Brei, 1996). Nesta reflexão o que se percebe é que para ela o sim ou não do indivíduo nunca é um ato de liberdade.

Nessa perspectiva, o cidadão que pratica a corrupção apenas realiza no mundo as motivações que o próprio mundo colocou nele. Neste argumento não há nenhuma reflexão quanto às dimensões de sentir e decidir. Seu método de interpretação é freudiano, isto é, ele não tem culpa das motivações, ele não as conhece, são inconscientes. Assim suas decisões correspondem a uma obediência, mas não é ele o responsável por estas motivações. O indivíduo é quem decide a agir e agindo é uma vítima. Entretanto, vale lembrar que nem sempre decidimos a favor das motivações. Logo, uma é a motivação, outra, a decisão.

Há outros pesquisadores, como Pontara (2011), que em seu artigo *Corrupção: a cultura capitalista*, defende que a responsabilidade de atos corruptos se deve, principalmente, ao sistema de educação que funciona em função da cultura do capitalismo. Segundo seu pensamento, o sistema educacional está falido. Não executa sua função de preparar o cidadão para conhecer e distinguir a cultura nefasta do capitalismo e assim a cada dia se verifica uma inversão nos valores humanos que a cada dia tem proporcionando uma alienação aos indivíduos transformando-os em seres de “atitudes egoístas, embasadas em um termo capitalista denominado corrupção” (Pontara, 2011).

Em seu texto deixa-se transparecer que o sistema capitalista, mesmo no atual funcionamento contemporâneo, trabalha apenas na degradação dos valores humanos mais tradicionais. E entre toda ação do capitalismo o seu pior mal é se infiltrar no sistema de educação. Segundo ele:

a educação, área do conhecimento que tem como função gerenciar o saber, formando a cultura de uma sociedade, ensinando princípios e deveres ao indivíduo, ou seja, valores ao ser humano, tem deixado um aspecto predominado pelo sistema capitalista conhecido como corrupção ser a cultura do ser humano e de toda sociedade brasileira, de forma a influenciar e, conseqüentemente, regredir a formação do conhecimento empreendedor do próprio ser humano, suas atitudes e opiniões como cidadão social (Pontara, 2011, p. 6).

É grande e praticamente unânime a literatura a qual entende o ser humano, individual ou mesmo pertencente a um grupo, como vítima do sistema. Para alguns pesquisadores é o sistema que utiliza o indivíduo para praticar a ilegalidade, ou seja, a corrupção. Para alguns quem faz existir a corrupção é o sistema político, para outros, educacional, o psicológico, o sistema capitalista entre outros, todavia, o indivíduo, para este paradigma é sempre a vítima, nunca o sujeito.

## **4 MAQUIAVEL E TOCQUEVILLE, A CORRUPÇÃO PARTE DO INDIVÍDUO E CONTAMINA O SISTEMA**

A política que presenciamos hoje no ocidente tem sua origem na Europa. A queda do feudalismo a partir do século XII e o surgimento progressivo do capitalismo aos poucos estruturou uma diferente organização social, econômica e política. Até então não se conhecia uma teoria política. A primeira, referente a um sistema de governo tem sua origem no século XVI, especificamente na Itália. O início, para muitos, ocorreu com Nicolau Maquiavel (1469-1527). E sua teoria buscava orientar o Príncipe na prática do como governar para fazer de sua pátria uma grande república (Maquiavel, 2019).

No século XVIII os países europeus já possuíam fortes estruturas políticas. Exemplo disso é a revolução francesa (sec. XVIII) que é marcada por partidos e discursos teóricos de fraternidade, igualdade e liberdade.

Neste período já existia inúmeras teorias políticas, nos dedicaremos a refletir a respeito dos pensamentos do francês, político e democrata Alexis de Tocqueville(1805-1859). Defensor da democracia e da liberdade.

Na teoria destes dois filósofos e políticos a corrupção não é consequência do sistema. Há uma possibilidade de se verificar semelhanças entre os seus pensamentos.

Ambos, Maquiavel e Tocqueville, indiretamente, compreende que o grande perigo ao qual pode atrapalhar o crescimento da democracia republicana é o indivíduo que age sempre em função de seus desejos peculiares.

### **4.1 MAQUIAVEL: OS FINS JUSTIFICAM OS MEIOS**

O primeiro a escrever uma teoria política foi Nicolau Maquiavel (1469 - 1527). Historiador, filósofo, poeta, músico e diplomata, nascido na cidade de Florença, Itália. Dedicou praticamente toda a vida aos negócios públicos da cidade-estado. Era descendente de uma nobre família de Toscana, pequeno proprietário de terras e conselheiro de governantes (Debrey, 2010, p. 157).

No século XV-XVI as cidades italianas encontravam-se fragmentadas. Muitas eram governadas por príncipes. Em quase todas o sistema político era o republicano. Maquiavel era republicano e para ele este sistema se define como regime político da liberdade e da virtú (Alves, 2019, p. 2019). E para sua Florença reivindicava uma república cujos governantes não ultrapassassem a casa de algumas dezenas de homens (Barbosa, 2010, p. 31).

A ideia de liberdade era fundamental para o filósofo. Alves (2019) apresenta a importância da liberdade para Maquiavel citando em seu artigo, Maquiavel e os Riscos da Corrupção Política na República, um trecho retirado do Discursos, Livro segundo, capítulo dois, de Maquiavel. Neste texto o florentino diz que é fácil entender de onde provém nos povos essa afeição pela vida livre, porque a experiência mostra

## O SER HUMANO É VÍTIMA DE UM SISTEMA QUE O FAZ CORRUPTO OU É ELE CORRUPTO EM CONSEQUÊNCIA DE SUA LIBERDADE?

que as cidades nunca crescem em domínio nem em riquezas, a não ser quando (as pessoas) são livres.

O filósofo, segundo suas pesquisas e experiências, compreendeu que o caminho para se construir uma grande república só seria possível em um sistema em que as pessoas fossem livres e virtuosas. Todavia em sua época as cidades estados encontravam-se, em sua maioria, fragmentadas. E para a reconstrução Maquiavel escreve sua grande obra, O príncipe. Obra na qual ele irá propor uma teoria orientadora para que o príncipe possa fundar e governar uma república. É de fundamental importância ressaltar que sua teoria surge a partir de dados empíricos que ele verificou na história dos governos.

Maquiavel busca na história mundial os fatores mais decisivos para o sucesso e o fracasso de outros governos. Seu pensamento não é construído por imaginações ou suposições de caráter religiosa, romântica e, muito menos, inspiradas na filosofia clássica. Ao contrário, “longe da especulação filosófica, idealista e da moralidade, [seu pensamento] centra-se na realidade histórica de sua época” (Debrey, 2010, p. 159). Segundo Silva (2020) poucos refletiram sobre as vicissitudes das repúblicas corrompidas como Maquiavel.

O “humanismo” vivenciado hoje no século XXI considera Maquiavel como sendo pessimista e cruel. Isto porque, o filósofo florentino entende ser de responsabilidade do príncipe aplicar um sistema de correção, fazendo com que o sujeito esteja voltado para o bem comum, à liberdade e naturalmente, à república. Todos os indivíduos devem estar voltados para sua pátria uma vez que o sistema republicano só é possível pela participação do cidadão na seara pública.

A virtú é um comportamento adequado do cidadão dentro do estado político. A república será grande e positiva se nesta prevalecer a liberdade, os conflitos saudáveis entre o povo “que não quer ser dominado e os grandes que querem sempre dominá-los”. Ao contrário, a corrupção na política, tanto do povo quanto dos líderes que a governam, será a consequência da escolha individual do bem privado em detrimento do bem comum. Desrespeito às leis e desprezo pelas instituições (Adverse, 2008, p. 39).

Sua teoria política é voltada a prevenção de atos corruptos. E olhando para os fatos históricos, Maquiavel conclui que os desvios do cidadão é algo totalmente possível. Uma vez que para ele:

Dos homens se pode dizer isso, de modo geral: são ingratos, volúveis, mentirosos e dissimulados, fogem dos perigos, ávidos de lucro; e enquanto o príncipe lhe faz bem, estão com ele - dão por ele o sangue, os bens, a vida dos filhos, como eu disse antes, quando a necessidade não se mostra; porém, quando esta surge, eles se revoltam (...) os homens se esquecem mais rápido da morte do pai do que da perda do patrimônio (Maquiavel, 2019, p. 72- 73).

Para Maquiavel (2019) um governo pode ter frutos positivos se houver um policiamento rigoroso para cada indivíduo. Isto porque, no pensamento do filósofo, o ser humano age simplesmente por interesses pessoais.

A máxima de Maquiavel (2019) diz que “o fim justifica os meios”. Por muitos, que se dizem humanistas, esta é uma frase pejorativa por descrever o ser humano como portador de projetos maliciosos.

Todavia ela não foi elaborada em consequência de teorias, mas como descrição de governos e indivíduos segundo suas pesquisas históricas. Assim ela não surge antes de uma verificação experimental, mas é posterior.

Sua teoria foi escrita como orientação ao príncipe que deseja governar uma pátria. O pensamento de Maquiavel pode ser utilizado como orientação para um governante. E o seu alerta é de que o ser humano sempre age preocupado em atingir um fim. O ser humano, para ele, nem sempre tem primeiramente uma preocupação coletiva, mas sempre, individual. Esta é a natureza humana e é aí, no egoísmo, que reside a possibilidade dos atos corruptos. Atos que posteriormente, refletirá em sistemas.

#### 4.2 ALEXIS DE TOCQUEVILLE: A CORRUPÇÃO COMO AMEAÇA DA REPÚBLICA

Alexis de Tocqueville (1805-1859) nasceu na França, na cidade de Paris. Viveu sua infância na época das Guerras Napoleônicas (1803-1815). Assistiu à restauração da Monarquia com Luís XVIII e sua queda em 1824 quando ele foi sucedido por Carlos X (a quem seu pai serviu). Presenciou sua derrocada por Luís Felipe, em 1830. Foi advogado, juiz e deputado. Era de pensamento liberal e democrata.

O objetivo de Tocqueville, como filósofo e político, foi sempre o de associar a liberdade na prática sociopolítica. Sua formação intelectual é consequência de suas leituras de Maquiavel(1469 - 1527), Rousseau (1712-1778), Burke (1729-1797) e Hegel (1770-1831), (Quirino, 1998, p. 247).

Ainda na França, seu pensamento era apenas teórico, a realidade francesa não lhe proporcionava a crença de que suas ideias fossem algo possível na prática. Mas após sua viagem aos Estados Unidos presenciou e passou então a ver como uma possibilidade real sua filosofia que até então era somente teórica. Nos Estados Unidos observou que existia, de forma natural, as ideias que eram discutidas de forma teórica no advento da revolução francesa: fraternidade, igualdade e liberdade.

Em seu artigo, *Corrupção segundo Alexis de Tocqueville*, Silva (2020) reproduz as palavras do filósofo francês quando este declara a crença de que uma verdadeira democracia é algo natural e que em algum momento é possível que ela se torne real. Segundo Tocqueville:

O desenvolvimento gradual da igualdade das condições é um fato providencial. Possui suas principais características: é universal, é duradouro, escapa cada dia ao poder humano; todos os acontecimentos, bem como todos os homens, contribuem para ele. Seria sensato acreditar que um movimento social que vem de tão longe possa ser suspenso pelos esforços de uma geração? Alguém acredita que, depois de ter destruído o feudalismo e vencido os reis, a democracia recuará diante dos burgueses e dos ricos? Irá ela se deter agora, que se tomou tão forte e seus adversários tão fracos? (Silva, 2015).

Para o pensador francês a democracia, a liberdade e, conseqüentemente, uma grande pátria é algo que ocorre naturalmente.

Entretanto, torna-se necessário, primeiramente, entendermos o que venha a ser esta liberdade e em

## O SER HUMANO É VÍTIMA DE UM SISTEMA QUE O FAZ CORRUPTO OU É ELE CORRUPTO EM CONSEQUÊNCIA DE SUA LIBERDADE?

segundo, o que seria a igualdade sociopolítica. Consequentemente, verificar, na visão do pensador, quais os fatores que podem ser nocivos à democracia.

Quirino nos diz que o filósofo francês acreditava ser, primeiramente, características naturais, a possibilidade da democracia. Suas conclusões são consequências das leituras e pesquisas realizadas a partir da “democracia na América, o Antigo Regime e a Revolução Francesa”. Em suas palavras:

Embora as reais condições de vida, a econômica, o social e a política, de indivíduos, de classes sociais, de um povo, de uma nação e mesmo de um Estado, para Tocqueville, sejam fatores determinantes e condicionantes da atividade pública, os homens não poderiam abandonar a busca pela concretização de um ideal (Quirino, 1998, p. 248).

Para o filósofo a liberdade não é simplesmente uma dádiva. Ao contrário, o ambiente e a ação do indivíduo é o fundamental para as conquistas e a existência real da liberdade e da igualdade. O indivíduo, para Tocqueville, deve, por si mesmo, direcionar seus desejos e ideias sempre em busca de uma ação democrática. Nesta perspectiva todos os seres que compõem a sociedade devem reivindicar uns para com os outros uma prática política. É na ação de todos em uma prática democrática que pode impedir que surjam atitudes egoístas, de forma particular, se transformando, consequentemente em gestos de corrupção. Quirino nos diz que:

Essa liberdade [pensada por Tocqueville] embora pudesse aparecer como genérica e vaga, era fundamentalmente a liberdade política, por que é esta que permite aos homens manter sua liberdade. Isto é, poderem ser livres para se manifestar social e politicamente, livres para se realizar como cidadãos de uma nação também livre e independente. No cerne da questão pode-se encontrar o problema clássico de Rousseau. Não à Vontade Geral obrigando os homens a serem livres, mas, em Tocqueville, o apelo é feito a cada um e a todos para que exerçam uma ação política organizada, adequada a cada realidade, de tal forma que o agir na esfera pública seja o ato mais importante de cada cidadão. Sobretudo, sem jamais ser indiferente à atuação na vida pública. Os negócios públicos, os negócios do Estado são também da responsabilidade de todos os cidadãos (Quirino, 1998, p. 252).

Portanto, a liberdade se caracteriza em ações de todos para com a política e de forma organizada. Com discurso elaborado e claro de suas reivindicações. A democracia será, na visão do pensador, uma consequência do sujeito que se reconhece, por meio de sua ação, alguém preocupado com seu país, e, portanto, agindo de forma cidadã, porém, nunca sendo individualista.

Nesta perspectiva a democracia possível tem como empecilho apenas a corrupção. Jasmin (2008) em seu texto Tocqueville, nos diz que “a palavra corrupção não é mobilizada com frequência” pelo filósofo, porém, ele entende a corrupção em duas perspectivas. Segundo Jasmin (2008) há dois tipos básicos do termo corrupção nas obras maiores de Tocqueville sendo a primeira obra A democracia na América (1835-1840) e a segunda O Antigo Regime e a Revolução (1856) (Jasmin, 2008, p. 73).

Seguindo o sentido clássico, primeira perspectiva, refere-se à corrupção dos princípios, no sentido

de corrosão dos alicerces de uma estrutura política, social ou mental. Ocorre a partir do momento em que o Estado vai crescendo, aceitando a penetração progressiva de funcionários, promovendo, de forma progressiva, um desequilíbrio. Lembremos que estes fatos ocorrem especificamente no século XVIII, na França. Momento em que no país o Senhor não mais administrava e nem controlava os negócios públicos. Segundo Jasmin:

A função política da nobreza, a sua posição de aristocracia dirigente, se esvaziará; o feudalismo deixará de ser uma instituição política para restringir-se a uma moldura civil. Anunciava-se aí, com a recusa da nobreza francesa de cumprir o seu dever ser, a corrupção do princípio aristocrático da desigualdade hierárquica em que se fundara a legitimidade e estabilidade da ordem feudal. (Jasmin, 2008, p. 74).

Um outro sentido dado por Tocqueville a ideia de corrupção é por ele fundamentado segundo observações de caráter sociológico segundo a história. Observando os sistemas aristocráticos e também as democracias, ele formula um “significado mais restrito do conceito e que remete às transações ilícitas dirigidas a alguém ou por alguém em posição de poder se beneficiar de um objetivo privado”(Jasmin, 2008, p. 76)

Nestas transações ilícitas, onde um indivíduo pratica algo para se beneficiar, Tocqueville argumenta que pode isto ocorrer, com menos intensidade, quando o sistema for aristocrático, uma vez que neste quem governa são os mais ricos. Indiretamente se percebe que para o filósofo o nascimento da corrupção encontra-se na ação individual daquele que é mais carente economicamente.

Entretanto, se ocorrer corrupção no sistema aristocrático é consequência de que “os ricos que querem chegar ao poder têm de contar com o apoio de alguns poucos, embora grandes, eleitores” (Jasmin, 2008, p. 77). E neste caso os ricos exploram e tiram proveito dos desejos daqueles que têm menos, subornando-os e fazendo com que estes tenham atitudes individuais e focados em benefício próprio.

O que mais proporciona este ato ilícito é o fato de existir nesse sistema uma maior proximidade entre os que compõem o governo e a população, uma vez que de um lado está quem pode corromper e de outro quem pode e aceita ser corrompido. Em comum entre os dois grupos há o desejo individual. A ambição de se satisfazer particularmente. O sistema acaba se formando com alguém que já tem e quer ter mais, outros que pouco tem, mas, em comum quer ter alguma coisa a mais.

## 5 A AÇÃO HUMANA NÃO EXISTE ANTES QUE O INDIVÍDUO DESCIDA A AGIR

### 5.1 ONTOLOGIA<sup>1</sup> EXISTENCIALISTA EM SCHOPENHAUER

A compreensão ontológica a respeito do ser humano precede em muitos séculos a interpretação elaborada pela psicologia moderna. Na elaboração filosófica, primeiramente, o ser humano é um ser de essência e portador de uma alma racional. Estas diferenciam em absoluto da psicologia de Sigmund Freud (1856-1939), o qual defende que o homem, na prática, é unicamente um ser como consequência de suas emoções.

A estrutura proposta por Freud, partindo das emoções, é sem dúvida um sistema extremamente elaborado, racional e lógico. Esta compreensão tornou-se um paradigma nas academias e no senso comum. Apresenta-se como a realidade mais fundamental do ser humano.

Muitos partem deste pensamento como base e daí derivam argumentos que são, sem dúvidas, convincentes. Como exemplo temos o primeiro capítulo deste trabalho onde citamos o sociólogo americano Robert K. Merton, e conseqüentemente, a psicóloga Zani A. Brei a qual sustenta o pensamento de Merton tirando totalmente a liberdade de agir do indivíduo e atribuindo, no lugar, a ação do sujeito como um condicionamento social que impulsiona as emoções do sujeito determinando sua resposta no mundo.

Entretanto, não há somente uma reflexão produzida na história que busca dar conta de compreender a essência humana. Esta encontra-se muito evidente por ser a base de uma ideologia política a qual necessita, primeiramente, desresponsabilizar o cidadão. Assim esta tem também um caráter humanitário. Porém, no século XIX, na Alemanha, o filósofo Arthur Schopenhauer (1778-1860) inverteu tudo o que se encontrava como fundamentado pelos grandes sistemas filosóficos desde o período clássico grego. Seu pensamento inaugurou a filosofia existencialista e sem dúvida é uma ontologia a qual compreende o ser humano como sendo pleno em liberdade. Liberdade no sentido de poder decidir a realizar um desejo ou recusa-lo.

Diferentemente do filósofo alemão, as primeiras investigações do comportamento humano ocorreram na antiguidade grega. Atribui-se a Sócrates (470 a.C.-399 a.C.), como sendo o primeiro a se preocupar com a necessidade de se descobrir a essência humana. E a busca de Sócrates tinha como objetivo refletir, após as descobertas, como estabelecer uma melhor condição de vida em sociedade.

Para Sócrates o ser humano é um ser dual; físico e espiritual. O filósofo grego concluiu que o indivíduo, na prática, age segundo os apetites do corpo e ao mesmo tempo desprezando sua dimensão lógica e racional que se encontra em sua alma. No pensamento socrático a essência humana constitui a própria alma do indivíduo (Reale; Antiseri, 1990). Descrevendo que entendia Sócrates quanto a sua alma, o contemporâneo Reale e Antiseri (1990, p. 87) nos dizem que:

---

<sup>1</sup> segundo o *aristotelismo*, parte da filosofia que tem por objeto o estudo das propriedades mais gerais do ser, apartada da infinidade de determinações que, ao qualificá-lo particularmente, ocultam sua natureza plena e integral.

Por “alma” Sócrates entende a nossa razão e a sede de nossa atividade pensante e eticamente operante. Em breve: para Sócrates, a alma é o seu consciente, ou seja, a consciência e a personalidade intelectual e moral. Conseqüentemente, com essa sua descoberta, como foi justamente destacado, Sócrates criou a tradição moral e intelectual da qual a Europa sempre viveu desde então.

O pensamento schopenhaueriano difere da tradição filosófica e também da psicologia freudiana que é posterior. É na sua resposta, quanto a questão referente ao ser humano em dimensões ontológica, que podemos então diferenciar a compreensão citada no primeiro capítulo deste texto a qual compreende o homem como vítima de uma estrutura externa a si e não autor e nem responsável por suas próprias atitudes legais ou ilegais.

Para o filósofo alemão o indivíduo é um ser em duas dimensões: a primeira corresponde ao entendimento do mundo a partir da possibilidade do indivíduo em interpretar o mundo quanto aos fenômenos. Esta interpretação, segundo o filósofo, é o entendimento particular elaborado pelo indivíduo em consequência da apreensão do mundo mediante as dimensões a priori do tempo e do espaço.

Por outro lado a representação e compreensão do mundo é universal somente a partir do discurso da ciência. A ciência, segundo o filósofo, é racional simplesmente por estar formulada segundo um discurso que se constitui por meio de conceitos universais e possíveis de demonstração. Absolutamente independente da opinião.

A segunda dimensão que é imanente no ser humano defendida pelo filósofo tem caráter metafísico. Para ele esta dimensão não está presente apenas no homem, ao contrário, encontra-se subjacente a todo e qualquer movimento. Esta é a causa de toda ação no e do mundo. Para Schopenhauer o nome que pode descrever de forma mais compreensível esta realidade invisível, pura, onipotente, onipresente, eterna e imperativa é Vontade. O conceito de vontade é derivado da *coisa em si*, pensada, primeiramente, por Immanuel Kant (1724 - 1804). Por conseguinte para o nosso filósofo:

A coisa em si é unicamente a vontade; nesta qualidade, esta não é de maneira nenhuma representação, difere dela todo genere; a representação, o objeto, é o fenômeno, a visibilidade, a objetividade da vontade. A vontade é a substância íntima, o núcleo tanto de toda coisa particular, como do conjunto; é ela que se manifesta na força natural e cega; ela encontra-se na conduta racional do homem; se as duas diferem tão profundamente, é em grau e não em essência” (Schopenhauer, 2001, p. 119).

Com estes argumentos para Schopenhauer (2001) a essência do homem e do mundo é unicamente a Vontade. Tudo o que se compõe de matéria é impulsionado pela vontade. Nos seres vivos, primeiramente, a vontade se manifesta em uma vontade de viver. No homem, como espécie é a vontade de existir sempre, especificamente, no indivíduo a vontade é mais intenso em sentir prazer. No ser humano o qual tem a capacidade de elaborar o pensamento, se mistura a vontade de viver e, de forma muito intensa, a vontade de sentir prazer. Nas palavras de Schopenhauer:

## O SER HUMANO É VÍTIMA DE UM SISTEMA QUE O FAZ CORRUPTO OU É ELE CORRUPTO EM CONSEQUÊNCIA DE SUA LIBERDADE?

O indivíduo é ao mesmo tempo o sujeito do conhecimento e encontra a chave do enigma: essa palavra é Vontade. Isso, apenas isso, lhe dá a chave da sua própria existência fenomenal, lhe descobre a significação desta, lhe mostra a força interior que produz o seu ser, as suas ações, o seu movimento. Todo ato real, efetivo, da vontade é imediata e diretamente um ato fenomenal do corpo; e, pelo contrário, toda ação exercida sobre o corpo é por esse fato e imediatamente uma ação exercida sobre a vontade: como tal, ela designa-se dor quando vai contra a vontade; quando lhe é conforme, pelo contrário, chama-se bem-estar ou prazer (Schopenhauer, 2001, p. 109-110).

A vontade, conceito schopenhaueriano, não se deixa ser percebida em grandezas quantitativas e qualitativas. Ela é a essência de tudo o que existe, diferenciando em graus de objetividade, sendo maior no ser humano, uma vez que este age impulsionado por ela, como tudo o que existe, porém, nos humanos elas se diferenciam por ter a sua disposição a capacidade de raciocinar mediante as representações e o entendimento quanto aos fenômenos, realidade que possibilita ao homem projetar-se e planejar-se em função da vontade que lateja em seu interior.

### 5.2 O SER HUMANO É O RESPONSÁVEL POR SUAS RESPOSTAS

Aqui percebemos outras possibilidades de reinterpretar o homem em sua prática, porém não como vítima de um sistema, como defendido por muitos. Verifica-se que qualquer que seja o sistema - político, religioso, cultural, tecnológico, científico, econômico - nenhum destes veio primeiro que o indivíduo. Todo e qualquer sistema foi projeto de uma racionalidade em função da vontade de vida e, da vontade de desfrutar o prazer.

Surge então uma filosofia existencialista em Schopenhauer. Logo a essência do mundo, do homem e de tudo o que existe é Vontade. A Vontade é a única essência que existe antes da existência. Ela é indestrutível. Irracional. Manifesta sem análise. Para o filósofo a vontade:

é a força que faz crescer e vegetar a planta e cristalizar o mineral; que dirige a agulha magnética para o norte; na comoção que experimenta como contato de dois metais heteropêneos; ela [pode ser encontrada] nas afinidades eletivas dos corpos, que se manifestam sob a forma de atração ou repulsa, de combinação ou de decomposição; e até na gravidade que age com tanto poder em toda a matéria que atrai a pedra para a terra, como a terra para o sol (Schopenhauer, 2001, p. 119).

Nesta perspectiva o ser humano só se diferencia de tudo o mais por possuir a racionalidade e a linguagem. O homem, ingênuo (senso comum) ou o sábio de ciência agem diferentemente um do outro, mas buscam o mesmo fim, satisfazer a vontade que pulsa em seu interior. Schopenhauer nos diz que:

Os motivos não determinam o caráter do indivíduo, mas apenas as manifestações desse caráter, isto é, os atos; a forma exterior da conduta e não o seu sentido profundo e o seu conteúdo; este procede do caráter, que é o fenômeno imediato da vontade, isto é inexplicável. Que tal indivíduo seja celerado, enquanto que aquele outro é um homem de bem, eis o que não depende nem de motivos nem de influências exteriores, nem de máximas da moral, nem de sermões, e que, neste sentido, é inexplicável. Mas quando um malvado mostra a sua malvadez, através de pequenas iniquidades, intrigas covardes ou velhacarias baixas, exercidas no círculo estreito da sua roda de conhecimentos, ou quando oprime os povos que conquistou, quando precipita um mundo inteiro na desolação e faz correr o sangue de milhões de homens, aí está então a forma exterior da sua manifestação, o que não lhe é essencial, o que depende de circunstância no meio das quais o destino o colocou, do meio, das influências exteriores, dos motivos; mas nunca se explicará através disso a decisão do indivíduo: ela procede da vontade da qual esse homem é uma manifestação (Schopenhauer, 2001, p. 147).

Partindo do existencialismo schopenhaueriano a compreensão hoje atribuindo a vitimização do sujeito frente ao mundo é algo desprovido de honestidade filosófica. A vitimização do indivíduo frente aos sistemas que constitui a sociedade não passa de ideologias. Ninguém fracassa ou conquista algo simplesmente pela cor de sua pele. Pela opção sexual. Por ser pobre ou rico. Cada sujeito vive existencialmente as consequências das opções que ele(a) decidiu em um certo momento e em certa circunstância.

A corrupção é hoje explicada por intelectuais como consequência da estrutura política, cultural, educacional entre outras, porém, ela nunca é reconhecida como um ato de projetar-se realizado pelo cidadão no instante em que ele(a), independente da circunstância fez uma opção, deu-se uma resposta a sua vida. A opção tomada por um indivíduo é sempre algo muito claro à si mesmo. Sua opção, legal ou ilegal é um juízo social, a si mesmo sua resposta foi racionalizada em função de sua vontade peculiar.

Foi exatamente esta advertência, em outras palavras, levantada por Maquiavel no século XV. Ele acreditava que o ser humano, segundo sua natureza, age sempre por interesse peculiar. Seu pensamento foi classificado pejorativamente segundo a teologia cristã “fundamentada” no pensamento de Rousseau (1712-1778).

Rousseau defendia que a essência humana independe da ação do sujeito. Segundo ele o ser humano é bom por natureza e torna-se mal por causa da sociedade. Esta é a base do pensamento marxista e outros, isto é, o ser humano é vítima da sociedade. Sua essência antes da existência é por natureza boa.

Portanto a representação – entendimento - do mundo está invertida pela ideologia que faz do sujeito uma vítima. Culpam os sistemas e vitimizam o indivíduo. E críticos ao existencialismo sempre questionam dizendo que no pensamento schopenhauriano o ser humano é escravo de suas vontades, portanto uma vítima do mundo.

Com esse argumento os críticos voltam a mesma argumentação marxista, ou seja, o homem é um ser constituído pelo materialismo histórico. É o que chamamos de pensamento do senso comum, isto porque parece obvio. Mas não é verdade.

## O SER HUMANO É VÍTIMA DE UM SISTEMA QUE O FAZ CORRUPTO OU É ELE CORRUPTO EM CONSEQUÊNCIA DE SUA LIBERDADE?

A vontade que um indivíduo possui, por si mesma, não faz dele o culpado. No cotidiano, nenhum sujeito é culpado pela vontade de agredir alguém, torna-se culpado quando decide a agredir. O desejo de auto se beneficiar segundo um método não ético, por si mesmo, não faz do indivíduo um imoral. Imoral ele se torna após sua ação deliberada de agir utilizando o método.

Para Schopenhauer o ser humano não deve ser julgado pela vontade que possui, mas pelas atitudes que cometem. O ato de agir é sim uma decisão. As pessoas de uma determinada comunidade, cultura, empresa, religião, família etc não age simplesmente impulsionada pelo ambiente. Sua decisão é sempre pensada em função de seu bem particular. O ser humano é sempre livre para decidir o que quer fazer, só não é livre para decidir a vontade que vai sentir (Schopenauer, 2001). Nenhum indivíduo é livre para decidir a vontade que quer ter mas é livre para decidir frente a vontade que lateja em seu interior.

### 5.3 SARTRE, O HOMEM É CONDENADO A SER LIVRE

O conceito de liberdade foi também defendido por outro filósofo existencialista, o francês Jean Paul Sartre (1905-1980). Nosso contemporâneo defendeu que acima de qualquer circunstância o indivíduo é condenado a ser livre. Isto é, perante qualquer situação a ação individual é uma decisão do próprio sujeito. Seja lá qual for a circunstância o ser humano e só ele tem o poder de dar uma resposta.

Citada no início deste texto, a psicóloga Brei defende que o ser humano tem suas emoções estruturadas pela sociedade. Sem dúvida que esta é uma interpretação marxista a qual compreende que o homem é fruto de seu meio. Porém é um erro ingênuo praticada por estes “intelectuais” que defendem que é a “circunstância que faz o ladrão”. Estes pensadores sabem que quem decidiu agir é o indivíduo. Sabem que é ele que pratica a ação, porém, compreende que a corrupção praticada não é culpa deste sujeito, mas ele sim é que é a vítima da circunstância.

Para estes o ser humano não é o próprio autor de sua atitude. Nestas interpretações o ser humano não é sujeito ativo. Mas, ao contrário, são seres incapazes de construir a própria história. Em outras palavras são marionete em que tem os fios condutores originário na cultura, na política, na educação, na religião em fim em qualquer sistema fora dele mesmo.

Sartre contribui significativamente para o existencialismo, defende que o ser humano não é nem bom e nem mal antes de suas atitudes. O filósofo francês apresenta uma filosofia que questiona toda a tradição clássica, medieval e cristã. Os pensamentos destas tradições afirmam que o homem é bom por ser possuidor de uma essência unicamente e, portanto, o sujeito é simplesmente vítima da sociedade.

Para Sartre “a existência precede a essência”. Em nenhum momento o ser humano está determinado antes de suas atitudes. O indivíduo é determinado a partir das atitudes que o mesmo comete. Por conseguinte, nenhum ser humano é classificado como imoral, corrupto simplesmente pela vontade que possui. Ao contrário, é a decisão tomada e a atitude realizada que possibilita o sujeito ser definido. Segundo

o filósofo Sartre:

O homem existe primeiro, se encontra, surge no mundo, e se define em seguida. Se o homem, na concepção do existencialismo, não é definível, porque ele não é, inicialmente, nada. Ele apenas será alguma coisa posteriormente, e será aquilo que ele se torna. Assim, não há natureza humana, pois não há um Deus para concebê-lo. O homem é, não apenas como é concebido, mas como ele se quer, e como se concebe a partir da existência, como se quer a partir desse elã de existir, o homem nada é além do que ele se faz (Sartre, 2014, p. 19).

Tanto para Schopenhauer assim como para Sartre toda e qualquer atitude do indivíduo é uma decisão por ele tomada mediante a circunstância existencial que o mesmo se encontra. Não importa a circunstância, perante a qualquer situação o sim ou o não, é e será sempre uma resposta do sujeito. Em vista desta liberdade de dar a resposta o mesmo se encontra sempre em um ato de projetar-se. Para qualquer que seja a resposta, a partir daquele instante, o indivíduo está a se lançar em algo para si mesmo.

Na prática é exatamente isso que verificamos na sociedade em que vivemos. Em qualquer que seja o ambiente social, regional, classe econômica entre outras, verificamos que as atitudes são individuais. Nas favelas não é verdade que todos são traficantes, usuários de drogas ou o contrário. No corpo político não são todos que desviam dinheiro. As empresas não são todas que agem em função do sistema de exploração.

Empiricamente não é difícil perceber que o indivíduo não tem uma definição antes de sua vida existencial. E muito menos o mesmo pode ser definido em consequência da classe social que pertence. A partir do conceito de corrupção que assumimos no início do texto, entendemos que a existência da corrupção é indiferente a instituição e a períodos históricos por que é uma ação do indivíduo que é um sujeito em liberdade de escolher dentro e no mundo.

Portanto, não é correto crer ou argumentar que determinado sujeito era um indivíduo tão honesto, mas tornou-se o que é em função do ambiente ao qual passou a frequentar. Como diz Sartre:

O homem é, inicialmente, um projeto que se vive enquanto sujeito, e não como um musgo, um fungo ou uma couve-flor; nada existe anteriormente a esse projeto; nada existe de inteligível só o céu e o homem será, antes de mais nada, o que ele tiver projetado a ser (Sartre, 2014, p. 19-20).

## 6 CONCLUSÃO

A filosofia que mais influenciou o período moderno e contemporâneo sem dúvida foi a marxista. O século XIX ficou marcado pelo paradigma dialético o qual interpretou a história das sociedades descrevendo-as em lutas de classe. Neste período o conceito referente ao termo corrupto ganhou uma nova roupagem. Despreendeu da definição platônica e ficou aceito, para o mundo político, como uma atitude ilegal e imoral.

Até aí tudo bem. Mas o interessante é que sendo a base de todas as sociedades a luta de classe, surge, para esta reflexão, a compreensão de que o indivíduo, principalmente o pobre, não é corrupto por suas

## O SER HUMANO É VÍTIMA DE UM SISTEMA QUE O FAZ CORRUPTO OU É ELE CORRUPTO EM CONSEQUÊNCIA DE SUA LIBERDADE?

atitudes. Mas é vítima do sistema que o obriga a tomar tal atitude.

Nesta perspectiva ele não pratica atos ilegais, imorais, corruptos. Ao contrário disso, são os sistemas sociais constituído pelo sistema capitalista que o condiciona a agir tal como ele age. Consequentemente este indivíduo é apenas um ser indefeso perante as estruturas da sociedade.

Os sistemas, ao qual os indivíduos encontram-se inseridos, no paradigma marxista, são os que condicionam a atitude tanto individual como também as ações coletivas das comunidades. Nesta perspectiva o sujeito não é um ser livre, capaz de dar uma resposta e muito menos responsável por sua própria decisão.

Como vimos, é assim que pensam os grandes teóricos deste século. Desconsideram por completo obras políticas como a de Maquiavel, Tocqueville e principalmente a filosofia existencialista de Schopenhauer e Sartre. Os estudiosos do momento, psicólogos, sociólogos, juristas entre outros, ocupam diferentes funções na sociedade, mas mantem o mesmo paradigma, isto é, o marxista: o homem é fruto do meio. O sujeito pobre é vítima do sistema. Em outras palavras um ser apenas como matéria, incapaz de decidir e não responsável pela decisão.

O grande problema encontra-se na idealização deste paradigma, o materialismo histórico. Ele parece inquestionável. Não se percebe em nenhuma pesquisa bibliográfica diferentes reflexões. Por mais que esta filosofia pareça quase que unânime no mundo acadêmico, é possível demonstrar seus equívocos e outros diferentes paradigmas.

O primeiro grande problema é o desconhecimento da filosofia existencialista. Desconhecendo suas reflexões, os mesmos não conseguiram reinterpretar ou mesmo entender a fala de Maquiavel no início da modernidade. Quando o filósofo italiano dizia que o ser humano age por interesse, que para qualquer sujeito “os fins justificam os meios” ele não classificava o ser humano como um ser mal pela sua natureza, mas podendo ser mal ou não em consequência de suas atitudes.

Para o existencialista Schopenhauer o indivíduo é livre quando age na negação da vontade. Portanto, todo ser humano é o tempo todo um ser livre para decidir e consequentemente agir. Em Sartre nenhuma vontade que lateja no interior do indivíduo faz o sujeito agir e atuar na sociedade. Toda ação é consequência da decisão do indivíduo que se projeta. O ser humano é um ser que existe em matéria e torna-se o que ele quer ser, ao dar uma resposta ao mundo e a sua própria vida.

Portanto a filosofia existencialista nos proporciona compreender que é da natureza do ser humano decidir em função de sua vontade peculiar. E é na falta desta reflexão para os que defendem o materialismo histórico que acaba por condicionar um entendimento de que o indivíduo é vítima do meio em que se encontra. Isto é, vítima do sistema capitalista, político, religioso, cultural entre outros.

Todos os sistemas existentes foram em algum momento projeto de um ou de muitos indivíduos. Estes sistemas foram projetados para melhor facilitar a vida humana, seja de um ou de uma comunidade. Sistema como a política, economia, ciência são as bases que organiza uma sociedade com o propósito de

facilitar a vida individual e também coletiva. Se dentro destes sistemas há corrupção esta é consequência de sujeitos que decidiram particularmente e, conseqüentemente, convidou outros a aderir à proposta. Ninguém aceitou fazer parte sem uma perspectiva de “vida” melhor a si em primeiro momento e aos que ele(a) ama.

Por fim, o paradigma socráticos inverteu a realidade. Colocou o homem vítima de sua ignorância. Entretanto, a partir do renascimento com Maquiavel já se percebia o ser humano como um ser que age por interesse. Toqueville, observando a possibilidade de democracia chega-se a mesma conclusão. São nos desejos particulares que o indivíduo torna-se corrupto.

Porém, é na filosofia existencialista de Schopenhauer e Sartre que percebemos que o indivíduo em qualquer circunstância é livre. Em qualquer circunstância o mesmo age com consequência de uma resposta e de uma decisão que o mesmo assume para si. É aqui que o cidadão se revela, uma vez que a decisão está em função das consequências que o mesmo terá que assumir. Assim o indivíduo não é vítima, mas autor e autora de suas próprias decisões e conseqüentemente de sua história.

Parafrazeando Schopenhauer o qual dizia que “o destino dá as cartas, nós jogamos o jogo”, digo que “os sistemas estão aí, ao nosso redor, porém, somos nós que decidimos e agimos”.

## REFERÊNCIAS

ADVERSE, H. **Maquiavel**. Corrupção: Ensaio e críticas. Belo Horizonte: Ed. UFMG. n. 1, p. 37-45. 2008.

ALVES, V. F. C. Maquiavel e os Riscos da Corrupção Política na República. **Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea**, Brasília, v. 7, n. 1, 2019, p. 293 -307. Disponível em: <<https://doi.org/10.26512/rfmc.v7i1.21783>>. Acesso em: 10 ago. 2024.

BARBOSA, W. Contexto Histórico do Pensamento de Maquiavel. In: COSTA, S. **Estado e poder político: do realismo político à radicalidade da soberania popular**. Goiânia: UCG, p. 19-33, 2010.

BARBOZA, M. N. O combate à corrupção no mundo contemporâneo e o papel do Ministério Público no Brasil. In: ALBUQUERQUE, M. P.; MEDEIROS, H. J.; BARBOZA, M. N. **O papel do Ministério Público no combate à corrupção**. Brasília, Ministério Público Federal, 2006.

BREI, Z. A. A corrupção: causas, conseqüências e soluções para o problema. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 3, p. 103 a 115, 1996. Disponível em: <<https://periodicos.fgv.br/rap/article/view/8088>>. Acesso em: 10 ago. 2024.

CORRUPÇÃO. Enciclopédia Significados, [S.l.], 2024. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/corruptao/>>. Acesso em: 10 ago. 2024.

DEBREY, J. C. A. Maquiavel e a gênese da ciência política. In: COSTA, S. **Estado e poder político: do realismo político à radicalidade da soberania popular**. Goiânia: UCG, p. 157 - 171, 2010.

ÉTICA E CORRUPÇÃO. Revista PUCRS, Porto Alegre, 2024. Disponível em: <<https://www.pucrs.br/revista/etica-e-corrupcao/>>. Acesso em: 12 dez. 2023.

O SER HUMANO É VÍTIMA DE UM SISTEMA QUE O FAZ CORRUPTO OU É ELE CORRUPTO EM CONSEQUÊNCIA DE SUA LIBERDADE?

JASMIN, M. S. **Tocqueville**. Corrupção: Ensaios e críticas. Belo Horizonte: Ed. UFMG. n. 1, p. 73-79, 2008.

MAQUIAVEL, N. **O príncipe**. Barueri: Ciranda Cultural, 2019.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto comunista**. São Paulo: Perdizes, 2005.

ONTOLOGIA. Dicionário, Oxford languages, 2024. Disponível em: <<https://www.google.com/search?client=firefox-b-d&q=Ontologia>>. Acesso em: 10 ago. 2024.

PINTO, C. R. J. **A banalidade da corrupção**: uma forma de governar o Brasil. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011,

PONTARA, A. Corrupção: a cultura capitalista seguida pela sociedade brasileira. (1Departamento de UNIFIO, Ourinhos, 2016. Disponível em: <[https://cic.unifio.edu.br/anaisCIC/anais2016/pdf/06\\_01.pdf](https://cic.unifio.edu.br/anaisCIC/anais2016/pdf/06_01.pdf)>. Acesso em: 10 ago. 2024.

QUIRINO, C. G. **Clássico do pensamento político**. São Paulo, Ed. USP, 1998.

REALE, G. ANTISERI, D. **História da filosofia**: Antiguidade e Idade Média. São Paulo: Paulus, 1990.

REALE, G.; ANTISERI, D. **Historia da filosofia**: filosofia pagã. São Paulo: Paulus, 2013. SARTRE, J. **O existencialismo é um humanismo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SCHOPENHAUER, A. **O mundo como vontade e representação**. Tradução: M. F. Sá Correia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

SCHOPENHAUER, A. **Sobre o fundamento da moral**. São Paulo; Martins Fontes, 2001.

SILVA, G. F. R. Corrupção segundo Alexis de Tocqueville. **Jus.com.br**, São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/43302>>. Acesso em: 10 ago. 2024.

SILVA, R. Desigualdades e corrupção no republicanismo de Maquiavel. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 63, n. 3, e20190070, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/dados.2020.63.3.216>>. Acesso em: 10 ago. 2024.